



REPRESENTAÇÃO DO INTELLECTUAL EM RUBENS FIGUEIREDO

Clarice de Mattos Goulart

Orientadora: Claudete Daflon

Mestranda

RESUMO: Na pesquisa em curso, tenciona-se investigar e analisar as representações da autoridade do intelectual na obra de Rubens Figueiredo. Este escritor em atividade na atualidade explora, em diversas de suas narrativas, questões relacionadas ao papel desempenhado por artistas, intelectuais e críticos, seja no campo das artes visuais, seja na literatura. Chama a atenção, em obras como *Barco a seco*, *As palavras secretas*, *O livro dos lobos* e *Contos de Pedro*, a caracterização da figura do intelectual e de sua autoridade, frequentemente construída em torno do desejo de ascensão social e da busca pelo prestígio a qualquer preço. Essa representação abre espaço para reflexões acerca de questões relacionadas a ética, autoria e intelectualidade no contexto da produção literária e crítica na sociedade brasileira contemporânea, e é o tema de investigação e discussão na pesquisa proposta, em diálogo sobretudo com o que propõe Edward Said ao refletir sobre o lugar e o papel do intelectual no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea, Rubens Figueiredo, representação do intelectual.

Apresentação

Além de tradutor de clássicos da literatura russa, Rubens Figueiredo é autor de livros premiados e consagrados pela crítica: sua coletânea de contos *As palavras secretas* (1998) e o romance *Barco a seco* (2001) foram laureados com o prêmio Jabuti, enquanto seu lançamento mais recente, *Passageiro do fim do dia* (2010), foi contemplado pelo Portugal Telecom. Tais obras, assim como as demais escritas pelo autor, apresentam uma característica marcante: há uma forte presença, tanto em seus romances quanto nos contos, de narrativas acerca das esferas de produção e circulação da literatura e da arte. A respeito dessa caracterização, é possível destacar quatro narrativas: “A ele chamarei Morzek”, conto presente no livro *As*

palavras secretas (1998); o romance *Barco a seco* (2001); o conto “Os biógrafos de Albernaz”, publicado em *O livro dos lobos* (1994); e, por fim, “A última palavra”, uma das narrativas que compõem os *Contos de Pedro* (2006).

O já citado romance *Barco a seco* apresenta a figura do especialista nas obras de um pintor. Em uma galeria, esse crítico de arte distingue as autênticas obras do exótico Emilio Vega, hipervalorizadas no mercado e vendidas a preços altíssimos, das abundantes falsificações. No entanto, seu inquestionável conhecimento é posto em xeque quando se descobre que o pintor espanhol julgado morto ainda está vivo. Questões sobre imitação, autoria e autenticidade estão presentes nesse romance, assim como no livro *As palavras secretas*: no conto “A ele chamarei Morzek”, um jovem que deseja ser pintor imita o seu professor com o objetivo de pertencer a uma “casta mais alta e secreta” (FIGUEIREDO, 1998: p. 20), mas se pergunta se, para alcançar um estilo próprio, teria prejudicado o seu mestre.

Rubens Figueiredo transita entre diferentes campos artísticos: além das artes visuais, há também a presença da esfera literária nas obras do autor. No conto “A última palavra”, presente no livro *Contos de Pedro* (2006), o personagem Pedro via no interesse do seu grupo de amigos de faculdade pela leitura “a marca de uma elite, de uma superioridade” (FIGUEIREDO, 2006: p. 109). Tais traços parecem alimentar no personagem sentimentos de orgulho de fazer parte de um grupo distinto e ambição quanto a destacar-se de forma crescente. O desejo de conquistar prestígio social e ascensão econômica pode ser observado também em “Os biógrafos de Albernaz”, publicado na obra *O livro dos lobos* (1994, 1ª ed.). No conto, Nestor vê no personagem-tema da biografia que desenvolve uma “excelente oportunidade na carreira” (FIGUEIREDO, 2009: p. 13), como o é também o processo judicial decorrente das informações difamatórias incluídas na obra.

Há, nessas obras, uma frequente ocorrência de termos como “despeito”, “orgulho”, “presunção”, “ciúmes”, “erro” e “verdade”, o que aponta para a caracterização dos personagens como artistas e críticos frequentemente indiferentes e ambiciosos. Assim, Nestor, além de se interessar pelas informações polêmicas a respeito de seu personagem, não hesita em trapacear com um companheiro de profissão cego, e Pedro tenta reunir, em um esquema de desvio de verbas públicas, o dinheiro necessário para abrir uma editora, além de

aparentemente se aproveitar do talento de uma colega para promover o próprio trabalho. A busca incessante por poder, portanto, pode estar ligada, na representação desses personagens, a intensas relações de opressão, à medida que, na condição de autoridades em um determinado campo da arte, esses sujeitos procuram sobrepor-se aos demais, diminuindo-os e desprezando seus direitos.

Enquanto pesquisadora com formação em comunicação social e produtora com alguma vivência no mercado editorial, tais narrativas chamam a minha atenção por dialogarem com um desconforto que experimento em decorrência da minha experiência na área da edição de livros. Se os personagens presentes na obra de Rubens Figueiredo são marcados pela pressa, pela arrogância e por disputas de poder, essa representação se trata de uma problematização do contexto em que o autor se insere, na medida em que este faz parte de um sistema editorial que reproduz as características de uma sociedade de mercado. Assim, a leitura de tais narrativas possibilitou uma reflexão ainda mais profunda a respeito de minhas motivações e da relevância de se apontar para esse sistema, questionando-o e desnaturalizando-o.

A pesquisa sobre a obra do autor deu acesso a entrevistas nas quais Rubens Figueiredo declara que seu processo de criação literária é movido especificamente por uma intenção política. Ao comentar sobre *Passageiro do fim do dia*, o autor afirma:

meu romance poderia também, em alguma medida, discutir o papel da ciência num contexto de relações desiguais de poder. Por esse caminho, a ciência vinha se unir à justiça, à medicina, à educação, à economia, à arte, à publicidade, aos meios de comunicação, ao trabalho, enfim, a um vasto arsenal de fatores que valem por instrumentos de uma opressão cotidiana e repetida, até um aparente embotamento de suas vítimas (FIGUEIREDO *apud* LOTA; PASCHE, 2011).

Embora essa declaração se refira a um livro específico, é possível notar que há em outras narrativas e outros personagens uma motivação semelhante. Tal possibilidade de questionar estruturas é uma das grandes virtudes do fazer literário, e esse pensamento encontra eco em teóricos e críticos cujas reflexões complementam e enriquecem a discussão proposta por Rubens Figueiredo. Nesse sentido, faço dois destaques: enquanto em *Trespropuestas para el próximo milenio* (y cinco dificultades), Ricardo Piglia (2001) discorre sobre as necessidades e especificidades de uma literatura feita especificamente na América

Latina; Edward Said, em “O papel público dos escritores e intelectuais” (2004), trata de um intelectual que tem como lar a própria arte engajada.

Compreendo haver em comum entre ambos e Rubens Figueiredo a visão de que escritores e intelectuais podem e devem interferir nas relações de poder. Ao mesmo tempo, não há como desconsiderar mecanismos vigentes que envolvem a produção e a circulação de obras no campo artístico-literário. A atuação do escritor não pode ser dissociada de sua inserção em um sistema de legitimação e prestígio que passa pelas regras do mercado editorial. Diante disso, o engajamento que Rubens Figueiredo defende repercute no seu trabalho como ficcionista, especialmente ao construir personagens que expõem criticamente dilemas contemporâneos acerca do lugar socialmente ocupado pelo escritor brasileiro.

Apontamentos sobre o intelectual

As inquietações provocadas pela leitura das obras de Rubens Figueiredo e que permitiram a definição do corpus levaram à busca de ampliação e aprofundamento das questões teóricas envolvidas. Nesse momento da pesquisa, foi importante ter tido acesso à coletânea organizada por Dênis de Moraes. Em *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*, encontram-se reunidos textos de autores de relevo acerca da questão do intelectual na contemporaneidade. As diferentes posições e problemas apresentados nos ensaios constituíram a base para a busca de outras fontes bibliográficas que contribuíssem para a compreensão das diversas conceituações do intelectual, bem como de seu papel e de sua importância. Entre essas destacam-se as apresentadas por Ricardo Piglia, no ensaio *Tresprouestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*, e por Beatriz Sarlo. Em relação a questões relativas a processos de valorização e de mercado na arte e literatura brasileiras, o livro *Valores: arte, mercado e política* (2008) que conta com textos assinados por Andreas Huyssen, Beatriz Sarlo, Sergio Miceli, entre outros, também é de especial ajuda. Em suma, o diálogo com as reflexões de intelectuais acerca de seu próprio papel e identidade possibilitará adensar a compreensão de como Rubens Figueiredo, por sua vez, propõe igualmente uma reflexão por meio da elaboração literária da questão.

Outras contribuições que dialogam com os conceitos do lugar do intelectual e da literatura Edward Said presentes nos livros *Representações do intelectual* e *Humanismo e crítica democrática*. Em tais obras, o autor apresenta e discute definições de origens variadas para a figura do intelectual, problematizando o seu papel e a sua atuação na sociedade. Assim, partindo do conceito gramsciano de “intelectual orgânico”, Said constrói uma fundamentação para vincular as atividades do intelectual a uma postura sobretudo crítica:

Todos nós vivemos numa sociedade e somos membros de uma nacionalidade com sua própria língua, tradição e situação histórica. Até que ponto os intelectuais são servos dessa realidade, até que ponto são seus inimigos? A mesma coisa acontece com a relação dos intelectuais com as instituições (academia, Igreja, entidade profissional) e com os poderes de um modo geral, os quais, na nossa época, cooptaram a intelectualidade em grau extraordinariamente alto. (...) Por isso, a meu ver, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder (SAID, 2004, p.15).

As ideias de Edward Said a respeito da distinção entre esses dois termos oferecem uma importante reflexão a este trabalho. No livro *Representações do intelectual*, Said dedica-se a caracterizar a figura do intelectual – bem como seu papel – levando em conta o contexto político e social do mundo contemporâneo. Assim, a obra apresenta diversas propostas de conceituação, em diálogo com escritores, escritoras e filósofos de culturas e países diversos. Uma das definições fundamentais para o “intelectual” é proveniente dos escritos de Gramsci, nos quais se delinea o conceito de “intelectual orgânico”. Segundo Said,

Hoje, todos os que trabalham em qualquer área relacionada com a produção ou divulgação de conhecimento são intelectuais no sentido gramsciano. Na maior parte das sociedades industrializadas do Ocidente, a relação entre as chamadas indústrias do conhecimento e as que estão ligadas à produção mecânica e artesanal propriamente ditas tem crescido vertiginosamente a favor das indústrias do conhecimento. (SAID, 1994, p.24)

Essa indústria tem como imperativos a especialização em um só tema e a padronização da linguagem. Desse modo, “Todos os intelectuais, o editor de um livro e o autor, o estrategista militar e o advogado internacional, falam e lidam com uma linguagem que se tornou especializada e utilizável por outros membros da mesma área” (idem). No entanto, Said opõe-se a essa conceituação do intelectual, considerando como fundamental à

sua caracterização a defesa de ideais públicos, em oposição ao privado, conforme enfatiza no capítulo inicial da obra:

O que vou discutir nestas conferências tem como certas essas realidades do final do século XX, originariamente sugeridas por Gramsci, mas quero também insistir no fato de o intelectual ser um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses. A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los) (idem, p.25-6).

Tal ideia oferece um norte para este trabalho, uma vez que propõe uma reflexão não só sobre as atitudes dos personagens das narrativas já citadas, como também sobre o papel que Rubens Figueiredo desempenha ao abordá-los. No que se refere especificamente ao escritor, em outro ensaio, publicado na obra *Humanismo e crítica democrática*, Said desenvolve uma discussão sobre sua representação, bem como suas aproximações em relação ao conceito de intelectual:

Na linguagem do uso cotidiano, um escritor, nas línguas e culturas com que sou familiarizado, é uma pessoa que produz literatura, isto é, um romancista, um poeta, um dramaturgo. Considero uma verdade geral que em todas as culturas os escritores têm um lugar separado, talvez até mais honroso, do que os intelectuais; atribuem-se a eles uma aura de criatividade e uma capacidade quase santificada para a originalidade (frequentemente de alcance e qualidade proféticos) como não sucede para os intelectuais, que, em relação à literatura, pertencem à classe parasita e levemente degradada dos críticos. (...) Entretanto, durante os últimos anos do século XX, o escritor tem assumido cada vez mais os atributos adversos do intelectual, em atividades como falar a verdade para o poder, ser testemunha da perseguição e sofrimento e fornecer uma voz dissidente nos conflitos com a autoridade (SAID, 2004, p.155-6).

Said reconhece, num primeiro momento, uma distinção corrente segundo a qual o intelectual corresponderia ao crítico em diferença ao escritor; porém, observa uma mudança expressa na associação entre escritor e intelectual de modo que se considere também intelectual todo escritor que assuma determinada postura. De acordo com essa leitura, o personagem do Nestor não se enquadra no conceito de intelectual proposto por Said, e sim apenas no de escritor, uma vez que anseia ocupar o lugar honroso apresentado no fragmento,

ao invés de questionar essa estrutura. Em contraponto, ao aparentemente queimar informações, ao invés de divulgá-las, Torres opõe-se às atitudes de Nestor, questionando-as ao invés de reproduzi-las em uma competição por status social.

Ao apresentar as questões discutidas ao longo destas páginas, Rubens Figueiredo propõe, então, um desconforto no leitor, gerando uma reflexão sobre escrita, literatura, e relações de poder, em um diálogo com as necessidades e exigências apontadas por Said ao afirmar que o papel do intelectual é “desafiar e derrotar tanto um silêncio imposto quanto a quietude normalizada do poder invisível” (idem, p.165). Nesse sentido, é o próprio Rubens quem se aproxima do intelectual proposto por Said, ao apontar também para o poder da literatura de criticar o próprio contexto em que se insere.

REFERÊNCIAS

DE MORAES, Dênis (org.). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FIGUEIREDO, Rubens. *As palavras secretas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Barco a seco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Contos de Pedro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O livro dos lobos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LOTA, Roberto; PASCHE, Marcos. *Saber demais: entrevista com Rubens Figueiredo*. *Jornal Rascunho*, ed.130, out 2011. Disponível em: <http://rascunho.com.br/saber-demais/>. Acesso em: 01 abr 2016.

MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MARQUES, Reinaldo (org.). *Valores*. Arte, mercado, política. Belo Horizonte, UFMG: 2008.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. “A voz da periferia e a função do intelectual”. *DarandinaRevisteletrônica*, v. 3, p. 3, 2010.



_____. *Cidade de lobos: a representação de territórios marginais na obra de Rubens Figueiredo*. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

_____. “O lugar do intelectual na cena literária contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 30, p. 27-39, 2007.

_____. “Os (não) adaptados: a experiência urbana na obra de Rubens Figueiredo”. In: Beatriz Resende; Éttore Finazzi-Agró. (orgs.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2014, p. 91-107.

PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

SAID, Edward. “O papel público de escritores e intelectuais”. In: DE MORAES, Dênis (org.). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.